

ENTREVISTA MARIO PIREDDU, Professore Associato na Università degli Studi della Tuscia, Itália.

ENTREVISTA MARIO
PIREDDU, PROFESSORE
ASSOCIATO NA
UNIVERSITÀ DEGLI
STUDI DELLA
TUSCIA, ITALIA.

P - Prof. Mario Pireddu, é uma honra tê-lo como entrevistado, no número temático da Revista Educação em Foco (UFJF-MG), intitulado "Educação e cibercultura: contexto de resistência dentre e fora do Brasil". Esta mesma entrevista foi realizada com o Prof. Nelson Pretto e demos acesso ao senhor às respostas dele. Assim, gostaríamos de conhecer suas ideias e visão, a partir das mesmas questões propostas. Muito gratas por sua disponibilidade.

Em virtude do forte vínculo entre o tema do dossiê e seus estudos e ações, o senhor poderia fazer um breve histórico da sua trajetória, como pesquisador e ativista?

Mario Pireddu (Professore Associato na Università degli Studi della Tuscia)

Fare ricerca e insegnare implica per forza di cose avere un ruolo attivo nella società e avere delle responsabilità. Nelson cita Giroux per ricordare che un docente deve essere anche un intellettuale libero, e che per esserlo ha bisogno di buone condizioni di lavoro e adeguata remunerazione. Concordo con lui, e aggiungerei soltanto che nel tempo mi sono convinto di una cosa: fare ricerca e insegnare comporta oggi l'abbandono di alcune dicotomie storiche (quali per esempio intelletto e manualità, mente e corpo, teoria e pratica, etc.) che hanno segnato la storia dell'educazione. Soltanto uscendo da questi schematismi - in Italia ancora molto influenti per via dell'eredità culturale e di una tradizione che sembra non allontanarsi mai

Educ. foco,
Juiz de Fora,
v. 23, n. 1, p. 279-294,
Jan/abr 2018

troppo dalle idee di Croce e Gentile - è possibile lavorare immersi nel proprio tempo e con obiettivi che sono peculiari per l'epoca che stiamo vivendo. La perdurante egemonia degli approcci spiritualistici all'educazione ha rallentato la presa di coscienza sul rapporto tra le idee professate in ambito educativo e la materialità delle condizioni che di tali idee segnano la genesi e garantiscono la circolazione.

Perché il riferimento alla materialità? Perché non c'è esperienza educativa che possa avvenire al di fuori di uno scambio comunicativo: l'uso di un determinato medium conferisce una particolare configurazione relazionale al sapere che veicola. La pedagogia *vive nei media*, perché tramite l'uso e la familiarità con i mezzi di comunicazione una parte della sua esperienza e del suo sapere riceve la forma di quei mezzi. Gli sviluppi e le pratiche della comunicazione hanno sempre influito e ancora influiscono sulle attività della formazione e sui modi di concepirle e praticarle. Si tratta di un movimento circolare: i nostri valori vengono incorporati nelle tecnologie, noi le modelliamo e loro hanno un ruolo nel ridefinire i nostri spazi di azione. La tecnologia contribuisce quindi a dare forma al rapporto tra educazione e comunicazione: agisce come risorsa educativa, formale o informale, e ci fa capire come esista un elemento di pedagogia implicita in ogni pratica comunicativa.

In altri termini: le forme comunicative non esistono in quanto configurazioni atemporali, perché ognuna di esse ha una propria storia ed è il risultato di specifiche condizioni culturali e materiali. Ogni forma comunicativa ha quindi una sua specifica valenza educativa o autoeducativa che dipende da quelle condizioni.

Tra i compiti del ricercatore e docente attivo vi è quello di riuscire a muoversi con disinvoltura all'interno di un mondo che è per definizione in costante mutamento. E qui dobbiamo tutti cercare di rispondere ad alcune domande chiave: se muta il contesto mediale - e quindi i modi e le forme di produzione della conoscenza - qual è il ruolo degli storici e tradizionali paradigmi pedagogici e di istituzioni educative

sempre troppo identiche a se stesse (e lo vediamo anche nella loro fisicità di apparati, edifici, dispositivi)? Ancora, qual è il rapporto tra modelli educativi secolari e le pedagogie implicite in processi che sono sempre più esterni alle agenzie formative tradizionali? Le tecnologie informatiche e di rete sono state considerate per troppo tempo dei meri strumenti da relegare in apposite aule o laboratori, e continuano a essere scarsamente utilizzate, depotenziate o ignorate dai sistemi educativi istituzionali. Perché accade questo, se è vero che oggi il software rende possibile tanta parte del vivere sociale? Sempre più l'informazione e la conoscenza dipendono dalla dimensione informatica, che influenza profondamente quella culturale. Il lavoro intellettuale e per certi versi anche quello pratico hanno quasi sempre a che fare con il software: perché si studiano poco la sua natura specifica, il suo ruolo nella formazione della cultura contemporanea, le forze economiche e sociali che ne plasmano lo sviluppo, o ancora le proprietà materiali di dispositivi, interfacce, applicazioni?

Tradução: Fazer pesquisa e ensinar inevitavelmente significa ter um papel ativo na sociedade e ter responsabilidades. Nelson cita Giroux para lembrar que um professor também deve ser um intelectual livre e que, para tanto, precisa de boas condições de trabalho e de remuneração adequada. Concordo com ele e acrescentaria que com o tempo fiquei convencido de uma coisa: fazer pesquisa e ensinar hoje envolve o abandono de algumas dicotomias históricas (como, por exemplo, intelecto e destreza manual, mente e corpo, teoria e prática etc.) como ensinou a história da educação. Saindo destes esquemas - ainda muito influentes na Itália, por via da herança cultural e de uma tradição que parece não se afastar muito das idéias de Croce e Gentile - é possível trabalhar imerso em seu próprio tempo e com objetivos que são peculiares à época em que estamos vivendo. A histórica hegemonia das abordagens espiritualistas da educação retardou a consciência da relação entre as idéias professadas no campo educacional e a materialidade das condições que marcam sua gênese e garantem a circulação das ideias.

Por que a referência à materialidade? Porque não há experiência educativa que possa ocorrer fora de uma troca comunicativa: o uso de um determinado meio confere uma particular configuração, em relação ao conhecimento que ele transmite. A pedagogia vive na mídia, porque através do uso e da familiaridade com os meios de comunicação, uma parte de sua experiência e do seu conhecimento recebe a forma desses meios. O desenvolvimento e as práticas de comunicação sempre influenciaram e ainda influenciam as atividades de formação e os modos de concebê-las e de praticá-las. Trata-se de um movimento circular: nossos valores se incorporam às tecnologias, nós os modelamos e eles desempenham um papel na redefinição de nossos espaços de ação. A tecnologia contribui, assim, para moldar a relação entre educação e comunicação: ela atua como um recurso educacional, formal ou informal, e se expressa como um elemento de pedagogia implícito em toda prática comunicativa.

Em outras palavras: as formas de comunicação não existem como configurações atemporais, porque cada uma delas tem sua própria história e resulta de condições culturais e materiais específicas. Cada forma de comunicação, portanto, tem seu próprio valor educacional ou autodidata que depende dessas condições.

Entre as tarefas do pesquisador e do professor ativo está a de poder mover-se com facilidade dentro de um mundo que, por definição, está em constante mudança. E aqui todos nós devemos tentar responder a algumas perguntas-chave: quando se muda o contexto de mediação - e, portanto, os modos e as formas de produção de conhecimento - qual o papel dos históricos e tradicionais paradigmas pedagógicos e das instituições educacionais sempre tão idênticos (e também o vemos na sua materialidade física de equipamentos, edifícios, dispositivos)? Ainda, qual é a relação entre modelos educacionais seculares e as pedagogias implícitas em processos que são cada vez mais externos às agências educacionais tradicionais? As tecnologias informáticas e de redes são, há

muito tempo, consideradas meras ferramentas a serem relegadas a salas de aula ou a laboratórios especiais, e continuam a ser pouco utilizadas, enfraquecidas ou ignoradas pelos sistemas educacionais formais. Por que isso acontece, se é verdade que hoje o software viabiliza uma parte tão importante da vida social? Cada vez mais, a informação e o conhecimento dependem da dimensão das tecnologias digitais da informação e comunicação, que influenciam profundamente a dimensão cultural. O trabalho intelectual e de certa forma também a prática quase sempre utilizam softwares, porque se estuda tão pouco sua natureza específica, o seu papel na formação da cultura contemporânea, as forças sociais e econômicas que moldam o desenvolvimento ou, ainda, as propriedades materiais dos dispositivos, interfaces, aplicativos?

P - Quais as principais contribuições dos seus atuais estudos e pesquisas e das atuais investigações do grupo de pesquisa, na relação entre Educação e Net-ativismo?

MP:

Sul Net-ativismo ho lavorato negli ultimi anni insieme a un network internazionale con il quale abbiamo organizzato il primo Congresso Internazionale sul Net-Attivismo qui in Brasile, a São Paulo nella sede della USP. Il lavoro è proseguito poi con l'organizzazione di un secondo congresso diffuso: una serie di convegni paralleli in Brasile, Italia, Francia e Portogallo con l'obiettivo di costruire una rete ancora più ampia di ricercatori e studiosi interessati al tema. Dal lavoro di questi anni è emersa una riflessione sul net-attivismo che non riguarda solo le forme classiche di azione in rete, ma una vera e propria riconfigurazione di forme comunicative e partecipative resa possibile dalla connessione istantanea su vasta scala e dalla crisi delle forme storiche della rappresentanza.

In termini educativi, questo negli ultimi anni si è tradotto nella formazione di docenti e studenti della scuola

pubblica italiana, con interventi dedicati all'innovazione didattica e metodologica e più in generale alla digitalizzazione della scuola e dei processi educativi. Tra tutti segnalo: il percorso [TeacherDojo](#), realizzato dal nostro gruppo di lavoro a Roma Tre in collaborazione con le associazioni no-profit CoderDojo di Roma e di Sigillo, rivolto a docenti e dedicato all'approfondimento di Scratch come strumento per la didattica e la creatività; i percorsi di formazione degli Animatori Digitali (figure introdotte nella scuola italiana dal Piano Nazionale Scuola Digitale del 2015), dei docenti e dei Dirigenti Scolastici sulle tematiche dell'innovazione legata al digitale.

In un paese con forti ritardi per quel che riguarda la diffusione della banda larga e l'uso avanzato di Internet, è imprescindibile avere docenti in grado di guidare al meglio le trasformazioni e le contraddizioni dell'epoca che stiamo vivendo. L'alternativa è continuare ad avere una scuola pubblica che non è capace di relazionarsi con le forze esterne se non da una posizione di subalternità. L'educazione alla cittadinanza digitale è oggi sempre più strategica per riuscire a far sviluppare competenze e consapevolezza d'uso e di azione degli strumenti digitali e di rete. Il dibattito - sempre più partecipato anche sul versante dell'informazione - sull'uso dei dati personali delle persone da parte di stati, aziende e soggetti terzi ci ricorda ancora una volta che le risposte a questo tipo di situazioni non possono che essere di tipo educativo e politico. La stessa Commissione Europea sta lavorando da tempo sul tema della tutela della privacy e della persona digitale, e sul tema delle competenze per la cittadinanza digitale, e ha rilasciato negli ultimi anni alcuni framework di riferimento prodotti da specifici gruppi di lavoro. Nello specifico, si tratta del Digital Competence Framework for Citizens ([DigComp](#)) e del 'European Framework for the Digital Competence of Educators ([DigCompEdu](#)), dedicato a formatori e studenti. In quest'ultimo vengono analizzate competenze strategiche come le seguenti: Reflective practice; Digital Continuous Professional

Development, Selecting digital resources; Organising, sharing and publishing digital resources; Creating and modifying digital resources, Teacher-learner interaction; Self-directed learning; Analysing evidence; Feedback and Planning; Accessibility and inclusion; Differentiation and personalisation; Information and media literacy; Digital communication & collaboration; Digital content creation; Wellbeing; Digital problem solving. Saper riflettere sull'uso delle tecnologie nelle proprie pratiche didattiche; saper ricercare, selezionare e valutare risorse digitali più utili per la didattica; saper organizzare, condividere e pubblicare risorse digitali aperte; saper creare e editare contenuti digitali pensati per la didattica; saper progettare e supportare attività collaborative tra gli studenti; gestire la propria autoformazione. Ancora, sapere avvalersi di strumenti digitali per la valutazione formativa e sommativa; conoscere le metodologie della ricerca didattica per la raccolta e l'analisi di dati utili a valutare l'efficacia dei percorsi proposti; saper utilizzare gli ambienti per gestire i feedback per gli studenti, al fine di ricalibrare e individualizzare l'insegnamento; saper gestire le problematiche relative all'accessibilità e saper utilizzare spazi, ambienti e risorse più utili allo scopo. Infine, promuovere lo sviluppo della competenza digitale degli studenti: media literacy, capacità di comunicazione e collaborazione anche attraverso ambienti digitali e di rete, di creare contenuti e saper risolvere problemi. Il gruppo di lavoro europeo dedica attenzione anche al benessere inteso come gestione del rischio e equilibrio delle dimensioni fisica, psicologica e sociale coinvolte nell'uso delle tecnologie digitali.

Tradução:

Sobre o Net-ativismo, trabalhei nos últimos anos em conjunto com uma rede internacional com a qual organizamos o primeiro Congresso Internacional sobre Net-ativismo aqui no Brasil, em São Paulo, na sede da USP. O trabalho prosseguiu com a organização de um segundo congresso: uma série de conferências paralelas no Brasil, Itália, França e

Portugal com o objetivo de construir uma rede ainda maior de pesquisadores e acadêmicos interessados no tema. A partir do trabalho destes últimos anos surgiu uma reflexão sobre o Net-ativismo que não assume apenas as formas clássicas de ação na rede, mas assume uma reconfiguração real das formas comunicativas e participativas, possibilitada pela conexão instantânea, em grande escala, que coloca em crise as formas históricas de representação.

Em termos educacionais, esse cenário se traduziu, nos últimos anos, na formação de professores e alunos da escola pública italiana, com intervenções dedicadas ao ensino e à inovação metodológica e, de modo geral, à digitalização das escolas e dos processos educacionais. Entre todos destacam-se: o curso TeacherDojo de Roma e Sigillo, projetado pelo nosso grupo de trabalho em Roma Tre, em colaboração com as associações sem fins lucrativos CoderDojo de Roma e da Seal, destinado a professores e dedicado ao aprofundamento do Scratch como instrumento didático e de criatividade; os cursos de formação dos Animadores Digitais (figuras introduzidas na escola italiana pelo Plano Nacional de Escolas Digitais de 2015), professores e Gestores Escolares sobre os temas da inovação ligados ao mundo digital.

Em um país com graves atrasos, no que diz respeito à difusão da banda larga e ao uso avançado da Internet, é imprescindível ter professores capazes de orientar melhor as transformações e contradições da época em que vivemos. Do contrário, a alternativa é continuar a ter uma escola pública incapaz de se relacionar com forças externas, a não ser assumindo uma posição de subordinação. A educação para a cidadania digital é hoje cada vez mais estratégica para obter sucesso no desenvolvimento de habilidades e conscientização sobre usos e ações dos dispositivos digitais e de rede. O debate - cada vez mais participado e dotado de informação - sobre o uso de dados pessoais das pessoas, por estados, empresas e terceiros nos lembra, mais uma vez, que as respostas a esse tipo de situações só podem ser educativas e políticas. A própria

Comissão Europeia tem trabalhado há algum tempo no tema da proteção da privacidade e da pessoa digital, e na questão das competências para a cidadania digital, e nos últimos anos lançou alguns quadros de referência produzidos por grupos de trabalho específicos. Especificamente, trata-se do Quadro de Competências Digitais para os Cidadãos (DigComp) e do Quadro Europeu para a Competência Digital de Educadores (DigCompEdu), voltado a formadores e estudantes. Neste último, são analisadas habilidades estratégicas, como as seguintes: Prática Reflexiva; Contínuo Desenvolvimento Profissional Digital, Seleção de recursos digitais; Organização, compartilhamento e publicação de recursos digitais; Criação e modificação de recursos digitais, Interação professor-aluno; Aprendizagem auto-dirigida; Análise de evidências; Feedback e Planejamento; Acessibilidade e inclusão; Diferenciação e personalização; Informação e letramento midiático; Comunicação digital e colaboração; Criação de conteúdo digital; Bem-estar; Resolução de problemas digitais. Saber refletir sobre o uso das tecnologias em suas próprias práticas de ensino; saber pesquisar, selecionar e avaliar recursos digitais mais úteis para o ensino; saber organizar, compartilhar e publicar recursos digitais abertos; saber criar e editar conteúdos digitais pensados para o ensino; saber projetar e apoiar atividades colaborativas entre estudantes; gerenciar sua auto-formação. Além disso, saber valer-se dos dispositivos digitais para avaliação formativa e somativa; conhecer os métodos de pesquisa didática para coleta e análise de dados úteis para avaliar a efetividade dos percursos propostos; saber usar os ambientes para gerenciar os feedbacks para os alunos, a fim de redimensionar e individualizar o ensino; saber gerir as questões relacionadas com acessibilidade e saber utilizar os espaços, ambientes e recursos mais úteis para o escopo pretendido. Por fim, promover o desenvolvimento da competência digital dos estudantes: letramento midiático, capacidade de comunicação e colaboração, também através de ambientes digitais e de rede, para criar conteúdo e resolver problemas. O grupo de trabalho europeu também dedica atenção ao bem-estar,

como uma gestão de risco e equilíbrio das dimensões físicas, psicológicas e sociais envolvidas no uso de tecnologias digitais.

P - Olhando para os dias de hoje, que outras ações e/ou pesquisas o senhor apontaria como relevantes, na discussão sobre a relação entre educação e cibercultura, em um cenário de resistência?

MP:

In Brasile direi sicuramente: il gruppo coordinato dal prof. Adriano Canabarro Teixeira della Universidade de Passo Fundo, che lavora da tempo su tematiche legate al software libero, alle competenze digitali di educatori e cittadini e sull'introduzione di logiche hacker all'interno dei percorsi educativi; a São Paulo, invece, il gruppo di ricerca Atopos coordinato dal prof. Massimo Di Felice, con diverse linee di ricerca dedicate al Net-Attivismo e alle opportunità offerte dalle reti in termini di partecipazione e nuove forme di cittadinanza. In Italia il contesto è un po' diverso ed esistono diverse realtà attive in ambito universitario (Centro Nexa del Politecnico di Torino, Laboratorio Informatico di Sperimentazione Pedagogica dell'Università Bicocca di Milano, il gruppo del Larica dell'Università di Urbino etc.) ma - neanche tanto paradossalmente - alcune delle esperienze più interessanti vengono dall'esterno dell'accademia. Mi limito a citare le comunità che lavorano - fuori e dentro la scuola - intorno al software libero e alla digitalizzazione intesa come potenziale apertura alla creatività e all'apprendimento collaborativo, e le comunità che stanno lavorando - dal punto di vista di chi si occupa di qualità dell'informazione - per una idea di cittadinanza digitale realmente consapevole (come il gruppo di ValigiaBlu e dell'International Journalism Festival di Perugia). Educatori e produttori di contenuti cominciano a comprendere finalmente che abitare il mondo delle reti significa creare ecosistemi comunicativi più aperti e ricchi,

meno polarizzati e meno tossici. Il futuro non può che essere costruito insieme, senza troppe divisioni disciplinari o rigide distinzioni professionali appartenenti al mondo che abbiamo alle spalle.

Tradução: No Brasil, eu definitivamente diria: o grupo coordenado pelo prof. Adriano Teixeira Canabarro da Universidade de Passo Fundo, que tem vindo a trabalhar com questões relacionadas ao software livre, às competências digitais dos educadores e cidadãos e à introdução de lógica hacker dentro dos programas educacionais; em São Paulo, por outro lado, o grupo de pesquisa Atopos, coordenado pelo prof. Massimo Di Felice, com diferentes linhas de pesquisa dedicadas ao Net-ativismo e as oportunidades oferecidas pelas redes, em termos de participação e de novas formas de cidadania. No contexto italiano é um pouco diferente e há distintas organizações que trabalham na academia (Nexa Centro da Politécnica de Turim, Computer Lab Experimental Pedagógica Universidade de Milão Bicocca, o grupo Larica na Universidade de Urbino etc.), mas - nem tanto paradoxalmente - algumas das experiências mais interessantes vêm de fora da academia. Limito-me a mencionar as comunidades que trabalham - dentro e fora da escola - em torno do software livre e da digitalização entendida como uma potencial abertura à criatividade e à aprendizagem colaborativa e comunidades que estão trabalhando - do ponto de vista de quem se ocupa da qualidade da informação - para uma ideia verdadeiramente consciente de cidadania digital (como o grupo de ValigiaBlu e o Festival Internacional de Jornalismo de Perugia). Educadores e produtores de conteúdo estão finalmente começando a perceber que habitar o mundo das redes significa criar ecossistemas de comunicação mais abertos, ricos, menos polarizados e menos tóxicos. O futuro só pode ser construído em conjunto, sem muitas divisões disciplinares ou rígidas distinções profissionais pertencentes ao mundo que temos atrás de nós.

P - Fazendo um exercício de prospecção, quais os principais desafios, possibilidades e perspectivas, na relação entre educação e cibercultura, em contexto de resistência, no Brasil e no mundo?

MP:

Le sfide più importanti per quel che riguarda il rapporto tra educazione e cibercultura riguarda la comprensione profonda della dimensione nella quale siamo immersi. Stiamo interiorizzando sempre più, consapevolmente o meno, le logiche e le forme di organizzazione del sapere connesse all'utilizzo delle tecnologie digitali: modularità, automazione, variabilità, organizzazione in database (che emerge come vera e propria "forma culturale" della contemporaneità), separazione di dati e interfaccia, personalizzazione, interattività (ramificata, chiusa, aperta), scalabilità dei contenuti, transcodifica, etc. A interiorizzare più rapidamente queste forme comunicative sono naturalmente i giovani, quelli che molti adulti definiscono in modo semplicistico "nativi digitali": persone cresciute in anni di progressivo abbandono e scomparsa dei media analogici, che vivono e abitano un ecosistema mediale completamente diverso da quello delle generazioni precedenti, e non per questo sono necessariamente consapevoli o competenti nell'uso dei media (spesso sono persino privi di competenze tecnologiche di base). Secondo alcuni studiosi è proprio l'assenza dell'uso competente e consapevole delle tecnologie emergenti, così come l'assenza di *connected educators*, anche nelle scuole e nelle università, a "trattenere" la loro educazione e ad allontanarli dall'apprendimento. Se non comprendiamo questo aspetto, ci troveremo ancora una volta davanti a chi crede che basti introdurre determinate tecnologie nelle aule per innovare educazione e didattica, mentre al contrario occorre ben più della sola infrastruttura tecnologica per trasformare una professione. Tra gli studenti e le loro aspirazioni a un uso per l'apprendimento dei media con cui hanno familiarità si crea spesso una distanza difficile da colmare, e si ripropone

spesso l'idea di scuola come luogo separato dal mondo e dalla sua effervescenza. Eppure siamo davanti a studenti che non abitano più lo stesso spazio di molti adulti, e che come dice Michel Serres vivono in uno spazio topologico di vicinanza: non hanno più la stessa testa e apprendono in modo diverso. Davanti a mutamenti di questa portata, vi è spesso una reazione caratterizzata dalla chiusura e dalla paura: molti accademici, insegnanti, giornalisti e intellettuali descrivono un mondo in rovina, in cui scompaiono i valori e si assiste a una dissoluzione del sapere. Eppure si tratta di reazioni che nella storia dei media, e più in generale dei mutamenti culturali, sono cicliche e costanti: si ha paura di ciò che non si conosce o non si capisce, in particolare quando si tratta di giovani. Siamo spesso troppo concentrati sull'educazione formale e trascuriamo le molte forme di apprendimento che avvengono in canali informali, quasi sempre caratterizzate dall'interazione sociale. Comprendere il valore di queste interazioni sociali, delle diverse forme di social learning, è necessario per imparare a comprendere la realtà, che è magmatica e in continua trasformazione. In ambito pedagogico troppe volte si fa fatica a procedere in questo modo, e per certi versi si può sostenere che la pedagogia del presente sia in gran parte di matrice regressista: non guarda più al futuro con speranza, ma volge il suo sguardo al passato e lo rimpiange, non accorgendosi che si tratta di quello stesso passato che la sua parte progressista aveva messo fortemente in discussione. Ha poco senso continuare a dire agli studenti che mancano di funzioni cognitive che permettono di assimilare il sapere distribuito in rete, perché tali funzioni si trasformano con il supporto e grazie a esso. Ha più senso ragionare sulla consapevolezza e il controllo della propria persona digitale, dei propri dati e delle proprie vite.

Tradução:

Os desafios mais importantes no que diz respeito à relação entre educação e cibercultura demandam uma profunda compreensão da dimensão em que estamos imersos. Estamos internalizando cada vez mais, conscientemente ou não, a lógica

e as formas de organização do conhecimento relacionado com o uso das tecnologias digitais: modularidade, automação, variabilidade, banco de dados de organização (que emerge como uma "forma cultural" real da contemporaneidade), separação de dados e interface, personalização, interatividade (ramificada, fechada, aberta), escalabilidade de conteúdo, de transcodificação etc. Os que internalizam mais rapidamente estas formas de comunicação são, naturalmente, os jovens, aqueles que muitos adultos definem de modo simplista como "nativos digitais": pessoas que cresceram em anos de progressivo abandono e desaparecimento de mídia analógica, que vivem e habitam um ecossistema de mídia completamente diferente do ambiente das gerações anteriores e não por isso são necessariamente conscientes ou competentes no uso das mídias (muitas vezes até mesmo lhes falta competências tecnológicas básicas). Segundo alguns estudiosos isso se relaciona com a própria ausência do uso competente e consciente de tecnologias emergentes, bem como a falta de educadores conectados, mesmo em escolas e universidades, para "reter" a sua educação e afastá-los da aprendizagem. Se não entendermos essa problemática, encontrar-nos-emos mais uma vez à frente daqueles que acreditam que basta introduzir certas tecnologias nas salas de aula para inovar a educação e o ensino, enquanto, pelo contrário, a infra-estrutura tecnológica, por si só, não basta para transformar uma profissão. Entre os estudantes e suas aspirações a um uso para aprendizagem da mídia com as quais estão familiarizados há muitas vezes uma distância difícil a ser coberta, e muitas vezes repete-se a ideia de escola como um lugar separado do mundo e da sua efervescência. No entanto, estamos diante de estudantes que não vivem mais o mesmo espaço que muitos adultos, e que, como diz Michel Serres, vivem em um espaço topológico de proximidade: eles já não têm a mesma cabeça e aprendem de forma diferente.

Diante de mudanças desta magnitude, muitas vezes há uma reação caracterizada por resistência e medo: muitos

acadêmicos, professores, jornalistas e intelectuais descrevem um mundo em ruínas, onde os valores desaparecem e há uma dissolução do conhecimento. No entanto, trata-se de reações que, na história da mídia, e mais genericamente das mudanças culturais, são cíclicas e constantes: temos medo do que não conhecemos ou não entendemos, especialmente quando se trata de jovens. Muitas vezes estamos muito focados na educação formal e negligenciamos as muitas formas de aprendizado que ocorrem por meio dos canais informais, quase sempre caracterizados pelas interações sociais. Entender o valor dessas interações sociais, das diferentes formas de aprendizado social, é necessário para aprender a compreender a realidade, que é magmática (emergente) e está em contínua transformação. No âmbito pedagógico muitas vezes é difícil proceder deste modo e de certa forma pode-se argumentar que a pedagogia do presente é em grande parte apoiada em matriz regressiva: não olha para o futuro com esperança, mas volta o olhar para o passado com nostalgia, sem se dar conta de que é o mesmo passado que a parte progressista da pedagogia havia, no passado, questionado fortemente. Não faz sentido continuar a dizer aos alunos que lhes faltam funções cognitivas que lhes permitam assimilar o conhecimento distribuído na rede, porque essas funções são transformadas com apoio e graças a ela. Faz mais sentido pensar na conscientização e controle de suas questões pessoais no mundo digital, de seus próprios dados e de suas próprias vidas.

